

Choque ortodoxo, a receita mais popular entre os economistas

O novo Governo deve dar cabo da inflação através da aplicação de um choque ortodoxo, que combina ajustes monetário e fiscal, com forte tempero liberal. Esta foi a receita que predominou ontem entre economistas e empresários que participaram do Fórum Nacional "Perspectivas do Brasil no próximo Governo", promovido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

O encontro, que prossegue hoje e amanhã, tornou visível o desgaste da proposta heterodoxa, adotada ao longo do Governo Sarney, centrada no congelamento de preços e salários, para controlar a inflação e programar o crescimento do País, em favor da promoção de um choque ortodoxo — um programa duro de austeridade, que pressupõe o corte do déficit público, a redução da ingerência do Estado na economia e a liberalização do

mercado, com extinção dos monopólios, cartórios e subsídios, o que implicaria um arrocho salarial.

Mas algumas ausências foram notadas no primeiro dia do encontro. Os sindicalistas Luiz Antônio Medeiros, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, e Antônio Rogério Magri, Presidente da Central Geral dos Trabalhadores (CGT) não apareceram e a área sindical acabou representada por Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinzão, principal articulador da dissidência da CGT.

Nenhum dos assessores do Presidente eleito Collor de Mello, ansiosamente aguardados, apareceu ao encontro. Nem a economista Zélia Cardoso de Mello, assessora de Collor, nem o economista Aluisio Mercadante, assessor de Lula, ou os também economistas Mário Henrique Simonsen e André Lara Rezende.